

MANUAL PARA DESTAPAR A UM POLÍCIA INFILTRADO

Baseado em dados obtidos após o
descobrimento entre 2022 e 2024 de
infiltrações policiais em organizações
políticas de esquerda.

EDIÇÃO GALEGA, OUTONO 2025
MANUALINFILTRADOS@GMAIL.COM

MANUAL PARA DESTAPAR A UM POLÍCIA INFILTRADO

MANUAL

- 7** Quem o escreve?
- 8** Com que objetivos?
- 9** É conveniente fazê-lo público?
- 15** Porque é importante que o grupo seja quem controle o processo?
- 17** Porque temos de ser sujeitos políticos ativos na investigação?

SUSPEITAS

- 21** Tens suspeitas?
- 23** Preparai-vos para que se demonstre o contrário
- 25** Preparai-vos para não achar respostas
- 25** O grupo de investigação
- 27** O esgotamento

A INVESTIGAÇÃO

- 31** Como investigá-las suspeitas?
- 38** Resultados da investigação
 - 1. Que se demonstre que não é um infiltrado
 - 2. Não estamos seguras
 - 3. Se estades no certo...

CONSEQUÊNCIAS E APRENDIZAGENS

- 49** Que podesdes fazer se descobrirdes que tivestes um infiltrado entre vós?
- 51** Apoio mútuo
- 52** Aprendizagens à hora de proporcionar apoio emocional ao longo da fase de investigação
- 54** Paranoia
- 56** Reflexões finais

MATERIAL PARA INVESTIGAR

- 60** QR de cada caso
- 63** As 17 perguntas com as que trabalhamos
- 84** Dados importantes
- 90** Possíveis filtros úteis (que nem infalíveis) à hora de incorporar e complementar a um período de pré-militância
- 92** Há linhas vermelhas?
- 95** Conclusões

“Tinha escutado que quando os exércitos de formigas se deslocavam, se atopavam um rio que tinham de cruzar, as formigas à frente botavam-se às augas, apinhadas as umas sob as outras mentres se afogavam, oferecendo os seus próprios corpos coma ponte para aquelas que vinham detrás”.

Kobayashi Takiji, *Vida de um militante e outros relatos proletários*

QUEM O ESCREVE?

Este manual está redigido por militantes que têm vivido de perto infiltrações policiais destapadas entre os anos 2022 e 2024. Vai dirigido a toda a militância passada, atual e futura assim como a todas as organizações e coletivos que estejam minimamente preocupadas pela segurança nos seus espaços.

COM QUE OBJETIVOS?

Os objetivos que marcamos à hora de escrever este documento foram os seguintes:

- Transmitir a experiência e conhecimentos que temos adquirido a partir das infiltrações policiais e que à sua vez botamos em falha ter à hora de afrontá-las, mesmo para prevê-las.
- Aumentá-la cultura da segurança entre as organizações e coletivos.
- Enviar umha mensagem à militância muito clara sob a polícia e o Estado: nom som infalíveis, e aos feitos nos redigimos. Tenhem fendas no seu funcionamento e queremos expô-las de jeito público e acessível.

É CONVENIENTE FAZÊ-LO PÚBLICO?

Antes de escrever este manual formulamos todas as opções e tivemos dúvidas. Convém fazer pública a informação que temos e a que obtivemos em cada um dos casos descobertos e publicados? E se pom em perigo investigações já em marcha? E se a polícia troca o método de infiltração de agora em diante?

Pugemos num balanço todos os pros e contras de fazer público um documento assim e também consultamos e valoramos a experiência no Reino Unido ao respeito e as nossas conclusões som as seguintes:

- Consideramos fundamental fazer públicas todas as informações e dados obtidos nos casos destacados até agora e que ainda não foram publicados. Evidentemente não nos referimos a detalhes morbosos e sensacionalistas que não possam expor de jeito inecessário e que não aportem nada útil aos objetivos que buscamos, se não às questões que realmente ajudem a entendê-lo funcio-

namento dessas práticas repressivas. Ao fazê-lo público é muito possível que ajude a muitas organizações a descobrir infiltrados e/ou descartar possíveis suspeitas

- Que só umhas poucas pessoas tenhamos umhas informações tam importantes implica que unicamente poderíamos fazer-lhas chegar a organizações próximas e/ou de confiança, fomentando assim a lógica do individualismo, do amiguismo por médio do “salve-se quem puder” e que esse reduzido grupo de pessoas sejamos as encarregadas de investigar suspeitas, carregando-nos assim de umha responsabilidade e um trabalho que seria logisticamente impossível de assumir. Amais do perigoso e insolidário que seria deixar ao nosso critério e vontade esta possibilidade, já que se podem criar umhas hierarquias e um abuso de poder importantes.
- É evidente que a polícia está ao tanto destas investigações e que tam só lendo os artigos publicados até agora nos médios de comunicação terá

detetado patrons em comum em todos os casos nos que nos estamos fixando nós e que nos estão ajudando a chegar-nos cada vez mais à hora de fazer-nos umha ideia de como funcionam os infiltrados. Simplesmente com isso já poderiam estar pensando numha troca de estratégia policial, se nom a fizerom já. Quiçá após a publicação deste documento tomam essa determinação. Porque entom publicá-lo igualmente?

Por umha banda, temos comprovado que as tácticas de infiltração policial som extremadamente similares no Reino Unido e no Estado Espanhol e levam vigentes desde fai já décadas. É dizer, o Estado tem umha fórmula que lhe funciona (remontamo-nos aos feitos) e, polo tanto, mudá-la implicaria abandonar esta fórmula exitosa e arriscar-se a provar outra sem garantia de que lhes vaia a funcionar corretamente.

Por outra banda, existe hoje algum canal comum a toda a militância, interno, acessível e suficientemente seguro para que essa informação nom chegue à polícia, incluídos os possíveis infiltrados de

entre essa militância? Desgraçadamente, a resposta a essa pergunta é claramente um *nom*.

Outro possível inconveniente de fazer público este documento seria o de pôr em perigo investigações atualmente em marcha sob possíveis infiltrados. É certo que isto poderia ocorrer e que se lhes espante ao saberem-se investigados, ou ao menos ao serem cientes de que parte das suas táticas tenham sido expostas publicamente. Se foge, é um polícia infiltrado menos nas nossas organizações. Se fica, temos muitas possibilidades de destapá-los. Em qualquer caso, ponhemos num balanço, por um lado, o feito de influir numha ou várias investigações, e por outro que toda a militância saiba como poder detetar a um possível infiltrado. Na nossa opinião, escolhemos claramente o segundo.

Amais, umha razão mais que nos convenceu para fazer público o manual é a experiência do Reino Unido e as conversas que tivemos com elas com respeito a este assunto. Ao perguntar-lhes se elas tiveram estes debates internos, comentaram que sim mais que igualmente optaram pela publicação. Também quisemos saber se, após publicá-lo e com

uns anos de bagagem, o balanço era positivo. De-rom-nos um rotundo sim. A partires da sua publicação puderam descobrir muitos mais infiltrados em organizações que tinham tido acesso a esse documento e com as quais nom mantinham nengum tipo de contato. Nom esqueçamos que se esse documento tivesse chegado fai anos quiçá o dano e a duração das infiltraçõs no Estado Espanhol teriam sido muito menores.

Podem ser vários os motivos polos quais um coletivo ou grupo de pessoas nom querem fazer público o feito de ter um polícia infiltrado (vergonha, ego, nom querer admitir “debilidades”, nom ter capacidades e/ou médios para geri-lo, etc.) O certo é que, ainda que podam parecer entendíveis, o único ao que nos leva essa ocultação é à inseguridade dos nossos coletivos e entornos, a nom poder obter informação valiosa desses casos que nos ajudem a seguir descobrindo patrons e informaçõs que sirvam para destapar mais casos e obter mais ferramentas.

Após destapar-se vários casos de polícias nacionais infiltrados em movimentos sociais e políticos (movimento de vivenda, antirracismo, antifascis-

mo, etc.) som muitas as dúvidas e perguntas que as militantes e as organizações fam: como se destaparam? Há algum método ou fórmula para encontrá-los? Como se pode gerir umha investigação? Como saber se alguém conhecido ou que milita na nossa organização é um polícia infiltrado?

Imos tentar solucionar todas estas dúvidas partindo das nossas experiências.

Ainda que falaremos disso mais adiante, desafortunadamente nunca é tam singelo confirmar umhas suspeitas: nom existe umha base de dados pública de polícias infiltrados, e atopar provas é um processo largo de investigação, mesmo ainda que as provas contra eles sejam muitas.

As investigações exitosas sob infiltrados adoitam começar com suspeitas que levanta o infiltrado e que som detetadas normalmente por gente mais afim ao mesmo e que remata criando um grupo de investigação. Se tomamos coma referência o Reino Unido, o primeiro passo que tomava o grupo era compartilhar e debatê-las suas preocupações a nível interno. Das suas conclusons podemos extrair que ao largo dos anos tenhem observado boas e más

práticas entorno a isto, mais o importante é que seja o grupo interno quem controle o processo, já que este começa e termina no seu seio.

POR QUE É IMPORTANTE QUE O GRUPO SEJA QUEM CONTROLE O PROCESSO?

A. POR UMHA QUESTOM DE DISCREÇOM:

- Se a pessoa suspeitosa nom fosse polícia e se estende o rumor, poderia afetar-lhe gravemente à sua imagem, reputaçom e causar-lhe danos psicológicos e emocionais.
- Se a pessoa suspeitosa fosse realmente polícia e lhe chega que está a ser investigada, poderia reagir (desviá-la atençom, destruir provas, tomar represálias...)

B. POR UMHA QUESTOM DE CONTROLÁ-LOS TEMPOS:

nom depender de ninguém, nom estar pressionadas para obter resultados, etc.

C. POR UMHA QUESTOM DE INTERESSES: é certo que médios de comunicação alternativos coma La Directa e El Salto jogárom (e están jogando) um papel fundamental em todos os casos de polícias infiltrados destapados porque permitem dar anonimato às militantes que os descobrem e porque servem de alto-falante mediático à hora de denunciá-los. Mais, às vezes, podemos ter objetivos e formas de funcionar distintas, por isso consideramos fundamental manejá-los tempos e a informação desde este grupo de investigação inicial.

POR QUE TEMOS DE SER SUJEITOS POLÍTICOS ATIVOS NA INVESTIGAÇÃO?

A maioria dos casos iniciam-se por suspeitas do entorno. Podemos e devemos reagir e atuar. Temo-los médios e capacidades para poder investigar estas suspeitas sem depender de ninguém, dando-lhe a visom política que corresponde e sempre supe- ditada aos interesses militantes e a nengum mais. Sabemos que os infiltrados nom destapados tras- ladam-se a outros coletivos e assembleias. Por isso, temo-la responsabilidade política de investigar, visi- bilizar e atuar ante casos de suspeita.

Ter suspeitas nom é suficiente, já que por sim soas estas nunca justificam a propagação de rumores. Se há suspeitas fundadas, é responsabilidade do gru- po que está investigando aportar provas sólidas que apoiem as suas afirmações. Devemos evitar acusar de forma infundada sem ter feito umha boa investi- gação. Este comportamento, sem as comprovações

necessárias, pode provocá-la destruição de grupos e causar danos políticos e pessoais irreparáveis.

Neste manual aportamos informações, padrões comuns, pautas e recomendações sob possíveis problemas com os que vos podeis atopar ao começar umha investigação, assim como possíveis medidas de segurança para evitar que se infiltrem. Boa parte do texto consiste nas experiências dos casos mais recentes do Estado Espanhol e nas boas práticas desenvolvidas durante a última década no Reino Unido.

SUSPEITAS

TENS SUSPEITAS?

Pode parecer umha forma estranha de começar a tratá-lo tema, mais perguntar-se onde e quando começárom as suspeitas é um ponto de partida. Nom suspeitamos de umha pessoa porque sim, se nom que adoita haver razons polas quais existe umha inquietude, umha sensaçom de algo estranho.

Como militantes nom somente desenvolvemos as nossas habilidades teóricas ou de agitaçom, se nom que também somos quem de observar e analisá-lo nosso entorno e, nalguns casos, também de gerar

um instinto sob a gente que nos rodeia. A maioria das suspeitas podem iniciar-se quando observamos a vestimenta, as suas opiniões políticas, as suas redes sociais, a falha de arraigo, um valeiro na sua história de vida ou simplesmente que é umha pessoa rara que nom encaixa. Nom esqueçamos que os movimentos sociais e políticos atraem a tudo tipo de personalidades e que por tanto, as suspeitas neste nível podem ser muitas e seguramente serão infundadas. Mais é útil reconhecer quando e porquê começaram estas suspeitas.

Outras formas de suspicácia provêm da revisom retrospectiva umha vez lidos os casos que vam saindo. É dizer, ao dar-se conta meses ou anos depois de que um (ex) companheiro encaixa demasiado bem no patrom, ainda que poda ter sido um grande militante que fixo umha cheia de açons, mesmo algumas ilegais, e que mentres era o teu companheiro terias jurado que nom era um infiltrado.

Engadimos umha circunstância que também foi muito repetida em casos tanto no Estado Espanhol como no Reino Unido: a saída abrupta, inesperada e inexplicável do companheiro (logo infiltrado) da

militância, normalmente alegando questões familiares graves (enfermidade de um familiar) ou laborais (troca de trabalho, traslado...).

Sejam quais sejam as suspeitas que tenhamos, é um ponto de partida válido. Mais temos de ser conscientes de que somos justamente isso: um começo. E como temos repetido e repetiremos ao longo de tudo o documento, o feito de coincidir com vários dos padrões que contamos não é prova de nada e muitos deles são muito habituais nos nossos entornos. Não esqueçamos que todas as suas atuações estão pensadas para encaixar com a realidade e não levantar suspeitas, pelo que são mesmo situações habituais. *Como atuar a partir de tê-la suspeita é o importante.*

PREPARAI-VOS PARA QUE SE DEMONSTRE O CONTRÁRIO

Se se apresentam dúvidas sobre o comportamento ou o passado de alguém, isso não significa que essa

pessoa seja um infiltrado. Existem muitas razões legítimas pelas que alguém oculte o seu passado, atue de jeito imprevisível e/ou desapareça de golpe. É vital que se entre no processo com a mente aberta e que estejamos preparadas para que a realidade nos amosse que estamos trabucadas.

Sempre é melhor ser capazes de “limpar de suspeita” a alguém que confirmá-los vossos piores temores. Afrontai a investigação assumindo que é melhor que tenhades um resultado positivo e que, polo tanto, vos tenhades trabucado, que assumir diretamente o pior.

Começa-la investigação com a firme convicção de que alguém é um infiltrado, quando na realidade nom o é, fará que tentes o impossível, provar algo que é falso, com a perigosa consequência de destruí-la reputação dessa pessoa no processo. Às vezes o feito de que nom se encontrem provas no seu contra é porque simplesmente nom existem.

PREPARAI-VOS PARA NOM ACHAR RESPOSTAS

O mundo da infiltração policial é um mundo intrinsecamente reservado, e nom se guardam esforços para que continue sendo assim. Nom existe a vara mágica que proporcione respostas claras. Os atuais descobrimentos dos infiltrados policia som a exceção, nom a norma. Vários deles foram descobertos fruto da casualidade somado a suspeitas do entorno, erros do sistema e vazios do relato. No Reino Unido passaram décadas nas que nem tam sequer existiram evidências firmes nem respostas claras, depois de anos de investigações.

O GRUPO DE INVESTIGAÇÃO

A nossa experiência avalia que as suspeitas que provenhem independentemente de várias pessoas som as que paga a pena considerar. Através destas suspeitas coletivas é quando podemos formar um grupo de afinidade que leve adiante a investigação. Este en-

foque também evita as situações nas que umha soa pessoa consegue persuadir a outras de que umhas leves suspeitas constituem provas definitivas.

Nos grupos adoitam funcioná-los freios e os contrapesos: umha açom ou situação que lhe parece suspeitosa a umha pessoa pode ter umha explicação natural quando alguém com mais conhecimento da pessoa ou da situação lha explica.

Quando um grupo começa a investigar é importante que desde o princípio existam umhas pautas: com quem se pode falar do tema? Como assegurá-la confidencialidade e a discreção? Quê se fará se se demonstram ou refutam as suspeitas?

Indagar na vida de alguém que consideravas companheiro de militância ou amigo nunca é fácil. Por isso pode ser útil introduzir no processo a alguém de confiança, mais que nom tiver laços com a pessoa suspeitosa, e que poda orientar ao resto. Esta pessoa pode ter diferentes roles, como assegurar-se que o processo segue o seu percurso, ou ajudar a alguém a geri-las suas emoções tomando algum tipo de responsabilidade, ou mesmo ajudar a fechá-la investigação se nom está funcionando.

Umha tarefa igualmente importante é a de questioná-las presunçons e considerá-las provas de jeito crítico, por exemplo, ajudando ao grupo a evitar assumir que tem mais provas das que realmente tem e o seu perigo de tirar conclusons precipitadas.

Mália que é possível realizar este processo de jeito individual, as pessoas que realizaram investigaçons concluíram que teriam preferido ter um grupo ao seu arredor.

O ESGOTAMENTO

O esgotamento, por desgraça, é bastante comum nestas situaçons. É algo do que raramente se fala ou se aborda de jeito correto.

Este esgotamento associa-se comumente com a sensaçom de perda de controlo, mesmo certa obsessom. Por sua vez, isto aporta umha falha de perspectiva, e de ver ameaças por todas partes. A paranoia é umha manifestaçom comum que pode levar a umha caça de bruxas contra qualquer pessoa da que algumha vez se tenha apercebido que disser algo fora de lugar ou que tenha atuado de forma diferente.

Entre atuar por instinto e reagir à paranoia há umha linha muito fina. E esta é outra das razões pelas que um processo grupal é normalmente preferível, já que os sintomas de esgotamento podem ser reconhecidos e reconduzidos.

A INVESTIGAÇÃO

COMO INVESTIGÁ-LAS SUSPEITAS?

1. ESCRIVEI AS SUSPEITAS

É um passo curto, mais nom o há que subestimar. Tomai-vos o tempo de escrevê-las razons das suspeitas, ajuda a centrar e aclarar aquilo que vos inquieta. Também ajuda a avaliá-la essência dos temores

e apresentá-las preocupações ao resto do grupo. Compartilhai o conhecimento e comparai notas.

Escrever todo o que sabeis da pessoa pode ajudar, sobre tudo aquilo que inicialmente provocou as suspeitas. O objetivo é poder ter umha visom o mais ampla possível e aportar claridade.

2. AVALIAI AS SUSPEITAS INICIAIS

A secçom que segue está baseada nas técnicas utilizadas durante anos pola

Polícia Nacional. A análise dos infiltrados descobertos permitiu elaborar este documento e reconstruir umha boa parte dos patrons utilizados. O resultado do estudo dos seus métodos resumiu-se em 17 perguntas básicas e em mais dados com os que trabalhamos.

Se bem som perguntas e dados que podem chegar a ser úteis em vários

contextos, as respostas estão baseadas em formas de funcionar do Estado Espanhol em casos destapa-

dos entre o 2022 e o 2024, e várias delas também no Reino Unido.

Podem-se aplicá-las perguntas e dados sobre a pessoa da que suspeitades, ou

usá-las coma um ponto de início. Se alguém “da positivo” num alto percentagem delas, entom é provável que as suspeitas tenham fundamento, mais inda assim há que seguir investigando e aprofundando para confirmá-las.

3. ORGANIZAI OS OADDS

Enquanto se vaia avançando na investigação, organizai a informação de jeito

claro (por exemplo, por temas). Debuxai cronogramas, mapas, listagens de contatos, acontecimentos e lugares nos que essa pessoa poda ter estado. Pesquisai ocos no cronograma de acontecimentos e fazei umha listagem de aquelas pessoas que podam ser capazes de enchê-los. Sabei a ciência exata que temos e o que inda falha por investigar, sobre todo se se trabalha em grupo, é fundamental.

Dedicaí o tempo necessário a descobrir e documentar que é o que escutastes e quem o dixo. Há que ter em conta que haverá pessoas e coletivos que nom queiram que o seu nome apareça de forma pública ou que se lhes relacione com a infiltração, mais as suas informações sob os casos podem ser importantes e deveremos tentar incluí-las na investigação. Avaliai também a credibilidade das fontes, a gente pode ter ressentimentos ou prejuízos que influam nos seus recordos.

Recordai: mantei os vossos materiais a salvo! Imaginai o terrível impacto que teria esta informação se chegasse a ser descoberta e a pessoa a quem investigades na realidade nom fosse um infiltrado, ou bem se lhe chegar à polícia e compromettesse a investigação.

4. CONFIRMAI OU DESCARTAI AS SUSPEITAS

Esta etapa tem de ser minuciosa por natureza: investigai cada aspeto do relato da pessoa, buscai

pistas e inconsistências. Trata-se de estabelecer se a identidade com a que se apresentou é real, ou pelo contrário, estamos tratando com um infiltrado que utiliza uma identidade falsa.

É muito útil revisá-los perfis dos infiltrados publicados até agora para ter uma ideia de em que tipo de detalhes pode fixar-se. Mais recordai que cada caso é diferente e que alguns aspectos são mais importantes que outros.

Outras coisas a comprovar podem ser o alcance da sua existência fora do grupo no que está ativo, e se os seus antecedentes pessoais, laborais, etc., são corretos. Poderíeis tentar confirmá-la sua existência rastreando o seu passado: se realmente estudou nas escolas nas que diz que estudou, se trabalhou onde diz que o fixo, etc.

A data do aniversário sempre é um dato relevante, e que nos nossos casos pode coincidir a falsa com a real. Também os relatos sobre a sua infância, família, trabalho, etc. Não é raro que os infiltrados utilizem dados da sua vida “real” para dar credibilidade à sua história, ainda que o grau no que esses detalhes são valiosos é relativo. Nalguns casos, estes dados

de informação tenham sido decisivos, ao tempo que noutros foram de pouca ajuda. É muito difícil prever que vai ser importante e que não, assim que o melhor é registrá-lo absolutamente tudo.

Costuma a ser um processo lento de ir eliminando possibilidades. Trata-se de determinar se alguém é um “fantasma”, alguém que todo parece indicar que existe, mais que se evapora quando tentas aprofundar no seu passado.

5. CONTATAI OU INCORPORAI A MAIS PESSOAS AO GRUPO

Quando chegueis ao ponto no que criais que as vossas suspeitas requerem de

mais confirmações, seguramente tereis de falar com outras pessoas que lhe conheciam. Este passo pode requerer muito cuidado: as pessoas às que vos acheguedes deveram conhecê-los acordos do grupo e entendê-lo delicado do processo.

Sede conscientes que as pessoas às quais vos acheguedes podem enfadar-se, entrar em choque ou numha negaçom rotunda. Preparai-vos bem para evitar que as vossas suspeitas sejam rejeitadas e que haja umha reaçom que se vos escape, e também para evitar que meras suspeitas levem a expor pessoas sem mais investigaçoms.

Assegurai-vos de que as novas pessoas tenham espaço e apoio para processá-las novas. Neste passo deveis aclarar que a investigaçom, polo momento, segue sendo somente isso, e que inda nom se chegou a nenguma conclusom. Também há que enfatizá-los acordos de confidencialidade.

Para explicar que suspeitamos de alguém que pode ser um bom amigo ou ter umha relaçom com as pessoas às que nos achegamos para obter mais informaçom há que ter um alto grau de sensibilidade. Cada pessoa reage de jeito diferente e nom sempre podemos prever como resultará a situaçom. Mais umha das cousas que nos há de distinguir das formas da polícia e do Estado é que temos um senso de responsabilidade para com as nossas companheiras, mesmo se temos diferenças políticas com

elas. Neste ponto deveríades considerar prepará-lo apoio que tanto vós coma outras pessoas podam necessitar.

Expressai as necessidades individuais no vosso grupo, e mantei-vos sempre informadas sob quem está fazendo quê. Intuide o que está disposta a contribuir cada pessoa. Algumas quererám estar involucradas em todos os aspetos, outras poderám estar preocupadas de que a investigação seja um “monotémático” que deixe de lado o resto das suas atividades políticas, mais ainda assim estám interessadas nas decisons. Amais, há que estar atentas a certas questons, como equilibrar necessidades divergentes (por exemplo privacidade e passar à açom) e sob o risco de queimes e esgotamentos.

RESULTADOS DA INVESTIGAÇOM

É provável que a investigação nom comporte resultados definitivos. A certeza absoluta sob polícias infiltrados somente remata quando se descobre o

seu nome real. Nalguns casos isto revelou-se por descuidos e erros do infiltrado em questom que possibilitaram descobri-lo, como no caso de Dani, quem agasalhou um pendrive a um militante com o qual militava, pensando que tivera borrado a informaçom que anteriormente continha. Conseguiu-se recuperar e eram fotos suas com o uniforme de polícia na Academia de Ávila, fotos suas com companheiros polícias, etc. Noutros casos, a capacidade do entorno de seguir todas as pistas possíveis e fazer boas investigaçons permitiu desvelá-las suas identidades.

A CONTINUAÇOM ENUMERAMO-LOS POSSÍVEIS RESULTADOS DAS INVESTIGAÇONS:

1. QUE SE DEMONSTRE QUE NOM É UM INFILTRADO

No melhor dos casos, poderemos eliminá-las suspeitas sob o indivíduo em questom. Mais nom é suficiente com chegar a esta conclusom e dá-lo por ressolto. Haverá que comunicá-las nossas conclusons a todas as pessoas com as que se tratou o tema. Insistimos em que nom podemos destruí-la

reputaçom dumha pessoa mediante insinuaçons ou permitindo que persistam os rumores. Haverá que decidir também se se lhe comenta algo ou nom à pessoa investigada. Para algumas significará um grau de transparência a valorar, mais outras podem levá-lo mui mal. Outros grupos decidiram simplesmente nom mencioná-la investigaçom, algo que pode tê-lo inconveniente de que a história perjure.

Dependendo de quanto se tenham estendido as suspeitas entre a gente o tema pode voltar a xurdir.

Recordai que se o material reunido cai nas pessoas equivocadas, essa informaçom poderia ser usada contra a pessoa investigada. Assim que, se se comprovou que as suspeitas eram erróneas, compre destruí-la informaçom reunida.

2. NOM ESTAMOS SEGURAS

O mundo da infiltraçom policial, delatores, confidentes e espias privados é escuro por

natureza. Está dirigido por estruturas estatais com profissionais e mecanismos que fam tudo o possível por ocultar atividades e criar tapadeiras. Muitas de nós podemos ter motivos legítimos para

nom ser sempre completamente abertas sob o nosso passado ou as nossas histórias pessoais. Se a isso lhe somamos que os nossos movimentos políticos tenham cada vez mais interiorizada umha cultura da segurança e do respeito à privacidade das demais, achamo-nos perante umha situação onde reconhecer a um polícia infiltrado é bastante difícil.

Se suspeitais de alguém que está ou esteve nas vossas assembleias ou coletivos, deveríeis assimilar que há muitas possibilidades de que nunca saibais se essas suspeitas foram ou nom infundadas.

Existe a possibilidade de que estedes pondo o foco na direção trabucada: quiçais o problema esteja noutra pessoa do grupo (que poda estar difundindo rumores para assegurá-la sua tapadeira), ou que o problema seja que as pessoas do grupo sejam despreocupadas respeito à segurança, ou que o grupo esteja sujeito a vigilância tecnológica. Em qualquer destes casos, quiçais o melhor seja, polo momento, deixá-las suspeitas a um lado. Pode-se tratá-lo problema desde outras perspectivas: considerai que é o que fai o vosso coletivo ou assembleia e quais som os riscos de tomar essa direção, ou se as filtrações

evitam que continueis realizando a açom política com os métodos que escolhesteis.

Sugerimos que um bom jeito de tratá-lo tema é ser conscientes das necessidades de segurança, e assegurar-nos ao máximo nesse senso. Tende um debate aberto e honesto sob possíveis ameaças para o vosso projeto político e que medidas podeis tomar para contra restá-las.

Em muitas situaçons nunca estareis ao 100% seguras de que alguém é um infiltrado. Isto deixa-vos frente a desagradável decisom de que fazer a continuaçom. Por exemplo, no contexto do “Public Inquiry into Undercover Policing”, o Undercover Research Group e outros coletivos fixerom públicas informaçons sob infiltrados que, mália que nom existiam provas definitivas, sim consideraram ter indícios suficientes para confirmá-lo. Nestes casos, as pequenas dúvidas que tinham levarom-nas a limitá-la informaçom que publicarom: decidirom nom publicar fotos nem nomes completos.

No Estado Espanhol há casos semelhantes, mais polo momento decidirom-se nom publicá-los até ter provas definitivas. Um exemplo poderia ter sido

o caso de Marian, que foi expulsa de Madres contra la represión no 2021, e até o ano 2024 nom se pudo demostrar ao 100% com provas a sua verdadeira identidade.

3. SE ESTAIS NO CERTO...

Se atopastes provas definitivas, ou provas indiciárias tam importantes como para nom

poder obviá-las, tereis de pensar bem nos seguintes passos. Case sempre é umha boa ideia fazê-lo público, posto que a maioria de infiltrados están ativos ou poderiam sê-lo potencialmente de novo em mais territórios e movimentos do que poderíamos pensar. Estes grupos também podem ver-se afetados e devem conhecê-lo caso.

Fazer pública a informaçom requer de sensibilidade. Alguns passos a seguir poderiam sê-los seguintes:

A. AVISAI ANTES A AQUELAS PESSOAS QUE TIVEROM CONTATO COM O INFILTRAADO. Quiçais nom sempre seja possível, mais é importante fazer um esforço nesse sentido. É horrível descobrir que um antigo

companheiro, parelha ou amigo era um polícia infiltrado vendo a sua foto por internet ou nas novas.

**B. TENOE EM CONTA QUE ANONIMATOS HAM DE SER PROTE-
GIOOS** e assegurai-vos de que todas as pessoas que conhecerom ao infiltrado sejam conscientes da necessidade de nom descobrir detalhes pessoais sem permissio, como os nomes reais das pessoas involucradas (algo particularmente importante para as pessoas que tiverom fortes vínculos, do tipo que for, com os infiltrados.

C. PREPARAI TODAS AS PROVAS E CONTATAI, SE PODEIS, COM MÉDIOS ALTERNATIVOS COMO LA DIRECTA OU EL SALTO PARA QUE O PUBLIQUEM E LHE DEAM ALTO-FALANTE MEDIÁTICO. Há que assegurar-se de estar em contato com jornalistas que entendam as vossas necessidades e o efeito emocional que este tipo de questons podem ter sob a gente, ainda mais se certas pessoas tiverom estreitos laços com o infil-

trado. Referimo-nos ao manejo dos tempos, do conteúdo da publicação, etc.

Umha boa prática também é detalhar ao máximo as atividades nas que participou o infiltrado assim como a sua história inteira desde que entrou, para que outros grupos e pessoas podam contextualizar-se: os recordos de nomes e caras podem esvaecer-se. Deste jeito podemos ajudar ao resto a saber de quem se está falando e amais localizar pontos comuns com outros casos ainda sem investigar.

D. A GESTOM DENTRO DO GRUPO DESTE PROCESSO É BÁSI-

CA. Há que ter ferramentas de apoio preparadas para aquelas pessoas que serão as mais afetadas polas consequências. Na nossa experiência, foi fundamental contar com o apoio de centros especializados em atençom a vítimas de violência política, maus-tratos e tortura como Sira.

E. DESALENTAI NA MEIOR DO POSSÍVEL AS RESPOSTAS DO

TIPO "EU JÁ O SABIA". Nunca som de ajuda, sobre todo para as pessoas afetadas. Tende em conta

que quiçais sigam lutando com sentimentos de culpabilidade, autodesprezo, etc., e som cousas que podem tardar anos em resolver-se. É evidente que, se essas pessoas “já o sabiam” e nom dixerom nem fixerom nada, seriam de todo menos companheiras.

CONSEQUÊNCIAS E APRENDIZAGENS

QUE PODEIS FAZER SE DESCOBRIS QUE TIVESTES UM INFILTRADO ENTRE VÓS?

Pelo geral, deveis ser discretas, já que nestas circunstâncias não somente está o risco de propagá-la paranoia, também o de que a pessoa em questão se inteire das suspeitas contra ele. Se isto ocorre, o mais seguro é que borrem o seu rastro e desapareçam antes de poder confrontá-los.

A maioria dos nove casos aqui tratados descobriram-se em processo de desativação do infiltrado. Estes já não estavam vivendo nas cidades onde estiveram infiltrados, mais sempre deixaram a porta

aberta a voltar mantendo o contato virtual por meio de mensagens e chamadas.

Tende em conta que qualquer investigação, sem importá-lo seu resultado, pode daná-las redes de confiança dentro do grupo. Sobre todo depois da denúncia pública, isto pode ser um problema se algumas das pessoas se sentiu excluída do processo, e enfadadas se nom tiveram a possibilidade de ter um peso nas decisons.

Umha vez que rematou a investigação (e repetimos que nom sempre se poderá obtê-lo 100% de certeza), o vosso grupo quiçais tenha de trabalhar duro para reestabelecê-la confiança entre as pessoas que o conformam.

Um infiltrado recém-descoberto pode provocar importantes danos pessoais na sua fugida da situação. O impacto dum descobrimento de tal calibre pode dividir aos grupos se nom temo-las provas preparadas para explicá-lo porquê da investigação. Se nom temos todas as provas também é possível que o infiltrado tente pôr ao movimento ou a outras pessoas ou organizaçons na contra do grupo inves-

tigador, ou que utilize a sua fuga para causar fricções e luitas internas.

APOIO MÚTUO

Investigar e desmascarar a um infiltrado tem impactos emocionais profundos. O Estado, por exemplo, dá apoio psicológico aos infiltrados, e nós deveríamos ser conscientes do que pode implicar umha investigação.

Deveis assegurar-vos, em todas as etapas do processo, que tendes em conta as necessidades emocionais das pessoas afetadas, também as das pessoas que investigam, ainda que nos nossos casos eramos as mesmas.

APRENDIZAGENS À HORA DE PROPORCIONAR APOIO EMOCIONAL DURANTE A FASE DE INVESTIGAÇÃO

No processo de investigar a infiltrados, a confiança numha mesma e em como se percebem às demais é umha das primeiras cousas que se perdem. Acotio, infra valora-se o impacto pessoal de realizar umha investigação.

Unir-nos entre nós permite criarmos espaços de juntaça e apóio mútuo, compartilhar experiências e ideias políticas. Esta é umha das nossas maiores fortezas. É importante saber que cada umha reage de jeito diferente. As reações dependerám de em quê momento vital se ache nesse momento cada pessoa e da sua relação com o infiltrado.

Às pessoas muito achegadas ao infiltrado adoita-lhes ser difícil acetá-lo engano, e podem tardar muito tempo em entendê-lo sucedido. No período de duração da investigação é importante ter isto

em conta para ir amossando a informação e as provas em pessoa para ajudar a processá-las novas.

Nom vos adianteis tomando as decisons: a gente precisará sentir que as suas necessidades som tidas em conta e por isso devem ter um espaço para expressá-la.

Tentai deixar de lado antigos conflitos pessoais e políticos que afetem à objetividade no processo de investigação.

Cada pessoa maneja a situação como pode, parece-nos importante respeitá-los desejos e preferências de todas. Algumas preferiram nom saber nada, outras quiçais já tenhem demasiadas cousas na mente ou nas suas vidas como para tratá-lo tema.

Umha vez remate o processo de investigação e os resultados se apresentem ao coletivo ou assembleia, podem criar-se mal-estares naquelas pessoas que nom tenham sido convidadas a participar no grupo de investigação. De nom gerar-se bem, pode ser um ponto delicado.

PARANOIA

O feito de crer que compartilhas espaços, assembleias, coletivos e/ou a tua vida com um polícia infiltrado poder dar lugar a medos ou paranoias. Podem ser sintomas comuns ver espias em cada esquina ou sinalar a qualquer pessoa que nalgum momento fixo algo ligeiramente suspeito. Isto é algo com o que devemos de ter cuidado. Podem influir muitas cousas mais é importante nom deixar-se levar polos medos e tentar ser quem de tirar adiante umha investigação séria. A paranoia nom ajuda, já que somente perturba o processo.

Se compartilhamos espaços e coletivos com gente que guarda suspeitas e mesmo lhe geram paranoia, é importante que se sintam escuitadas e compreendidas. Perguntar delicadamente que é o que crê ou teme; escuitai de forma sincera mais com cautela; desafiái qualquer discrepância com respeito e sede abertas ao feito de que pode que nom se trate só de paranoias mais de preocupaçons sérias.

Outro aspeto da paranoia é quando se disfarça de “consciência da segurança”. A segurança trata de reduzi-los riscos a um nível aceitável para poder

seguir fazendo cousas; a paranoia dá-se quando a situação bota por fora e impede fazer nada, assumindo o medo geral perante um Estado e umha polícia aparentemente invencíveis.

As perguntas que propomos ajudam a mitigar parte da paranoia desde a investigação tangível e o acompanhamento. Perguntar-nos que é o que sabemos, o que temos e centrar-nos em dados reais, adoita ajudar a desmascarar infiltrados a partir de informação objetiva, sem polcar-nos nos nossos medos. Tratar de reduzi-los riscos para poder seguir com a nossa atividade política.

O ponto está em analisar que tipo de coletivo ou assembleia é a vossa, como de aberta ou fechada quereis que seja, que objetivos manejaís e em função dessas análises estabelecer protocolos de segurança adaptados aos mesmos nos quais vos sintais todas comodas.

REFLEXONS FINAIS

Ironicamente, umha investigação com um bom processo pode ser inspiradora e fornecedora, mália o feito de descobrir a um infiltrado ser, como mínimo desagradável. O material deste manual foi extraído de vários processos deste tipo e das suas participantes. Nalguns casos, os grupos saírom reforçados, ainda que o caminho que percorremos, e que ainda continuamos, seja acotio pedregoso.

Ao escrever este documento, a nossa ideia nom era fomentá-la paranoia, se nom reduzi-la. Acotio fam-se acusaçons baseadas em rumores e especulaçons que só ajudam aos nossos inimigos. Tentamos oferecer algumas ferramentas e técnicas que vos permitam fazer investigaçons a fundo para rematar com os rumores e as más práticas e fortalecer-nos no processo.

Mália toda a força com a que a polícia e o Estado atacarom à classe trabalhadora organizada, e o fundo dano que nos causarom, nom conseguírom destruir-nos. Ceder ao fatalismo de que nom podemos fazer nada permite que eles ganhem. Segue havendo

muitas cousas que podemos fazer, ficam muitos horizontes polos que lutar, e muitas batalhas por dar.

As táticas mudarám, adaptarám-se e acomodarám-se à realidade sob o terreio a medida que achemos soluçons, mais o realmente importante é aquilo que nos fixo começar na luta política e os objetivos emancipadores que pesquisamos.

Também sabemos agora que o uso de infiltrados tivo efeitos secundários inesperados, como o arquivo de casos judiciais ou a ajuda indireta a certas açons. Sabemos de casos nos que a presença de um polícia infiltrado permitiu proteger a militantes, já que o agente nom podia atuar sob a base de certa informaçom por medo a descobrir-se ou porque também estava imerso numha causa judicial com a sua identidade falsa de militante.

Por último, umha pergunta frequente que nos fam é como voltar a atrair a gentinha nova às nossas organizaçons. Como misturar abertura e segurança? Como dizíamos antes, nom existe umha resposta única. Cada coletivo terá as suas próprias necessidades e prioridades. O que importa é criar, desde o

começo, umha cultura que resposte às ambições da organizaçom, e que se atenha a elas. Nom tenhais medo de perguntar, mais sede sinceras de porquê o fazedes. Se credes que necessitades um maior nível de segurança ou secretismo, averiguai quais som as ameaças específicas às que vos enfrentais e planificai como abordá-las para minimizá-lo risco. A segurança ao 100% nom existe, mais sempre há jeitos de topar soluçons.

O Estado pode investir muito no seu intento de parar-nos, mais figérom-se miles de açons, muitas organizaçons estám tomando preocupaçons e tendo muito sucesso no seu funcionamento, e isto é umha clara prova de que podemos ser mais listas do que eles quando nos pomos a sério.

MATERIAL PARA INVESTIGAR

QR DE CADA CASO

O primeiro que gostaríamos de remarcar antes de começar este apartado, é a grande importância que tem ler cada artigo que saiu publicado nos médios sob os cassos destapados. Pudemos descobrir vários deles precisamente após a leitura dos primeiros, já que detetamo-los patrons em comum e muitos deles coincidiam com as pessoas suspeitas. Para centralizar esta informação, ajuntámos-vos um código QR que leva diretamente ao artigo.



Carlos Pérez Moreno

<https://www.elsaltodiario.com/policia/policia-infiltrado-movimientos-sociales-madrid-juancar>



María Ángeles Gómez Armendáriz

<https://www.elsaltodiario.com/policia/marta-estupa-dos-decadas-infiltrada-movimientos-sociales>



Ignacio José Enseñat Guerra

<https://directa.cat/un-agent-de-la-policia-espanyola-sinfiltra-a-lesquerria-independentista-i-al-moviment-pel-dret-a-lhabitatge/>



Daniel Hermoso Pérez

<https://directa.cat/dani-el-segon-talp-destat-per-espiar-lactivisme/>



María Victoria Canillas Sánchez

<https://www.elsaltodiario.com/policia/identifican-una-agente-policia-infiltrada-movimientos-sociales-madrid>



Ramón Muñoz Fernández

<https://directa.cat/un-talp-policial-en-lactivisme-de-valencia/>



Sergio Gigirey Amado

<https://www.elsaltodiario.com/policia/seis-anos-infiltrado-movimientos-sociales-madrilenos>



Lucía Rodríguez de Ves

https://www.eldiario.es/politica/policia-espio-colectivos-sociales-madrilenos-durante-tres-anos-agente-infiltrada_1_11312665.html



María Isern Torres

<https://directa.cat/una-policia-sinfiltra-tres-anys-en-els-moviments-populars-de-girona/>

AS 17 PERGUNTAS COM AS QUE TRABALHAMOS

1. NÔM TEM ANTECEDENTES VITAIS? FALHA DE ARAIGO

Geralmente, o infiltrado tem poucos antecedentes vitais. Acotio adoitam ter umha “história”: de onde som e porquê se forom. Os detalhes adoitam ser escassos, e há muito pouco solapamento entre o seu mundo anterior e o seu mundo militante. É raro atopar-se com amizades ou ver fotos da sua

vida “anterior”, ainda que fale delas ou o suspeito diga que vai a vê-los. Ao serem identidades criadas para estas infiltrações, carecem de passado e não atoparemos nada sob a mesma em nenhum registo ou internet (agás o que tenham podido fazer com a infiltração já iniciada, como por exemplo carreiras desportivas às que se tenham apontado ou matrículas nas universidades).

Na imensa maioria dos casos sob os que baseamos este texto, a cidade de origem do infiltrado não era a mesma que na que se infiltravam. Supomos que para evitar que lhes pudessem reconhecer ou que o seu passado puder ser contrastado mais facilmente (Sergio era de Santiago e se infiltra em Madrid, Dani de Mallorca e o fai em Barcelona, Maria também de Mallorca e se infiltra em Girona, etc.). O caso de Marian seria a exceção já que ela era de Aranjuez e fazia a sua vida falsa e real também ali.

O habitual é que justifiquem o seu traslado a uma cidade diferente da que vivem por motivos laborais ou de estudos (nada raro, a imensa maioria da gente fai-no por isso).

ADVERTÊNCIA: no caso de Girona, confirmou-se que Maria apresentou a familiares e amigas reais (sem serem funcionárias do Estado) às militantes dos espaços onde se infiltrou. Supomos que baixo o pretexto de reforçá-la sua história e assegurar-se assim umha maior confiança do entorno no que se estava movendo. Quem suspeitaria duma amiga/militante/parelha se conheces à sua mai e amizades? Por isso é importante recordar detalhes dessas pessoas, direções, etc., de cara à investigação.

2. AS SUAS IDEIAS POLÍTICAS SOM QUASE INEXISTENTES OU POUCO DESENVOLTAS?

Na maioria dos casos, os infiltrados tiveram pouco a ver na política do movimento no que se infiltravam. Ainda que amossem interesse em escuitar aos demais, apenas aportam nada e, polo geral, evitam e/ou se afastam desses debates. Em troca som “militantes modelo” enquanto à sua implicação em questons logísticas, tesouraria, assistência a assembleias, ações, etc.

Quando amossam interesse, adoita ser superficial, ou desde a posição de escuita ativa a jeito de

aprendizagem. Os livros e o material que possuem som material estandar e popular que reflexa pouca profundidade ou amplitude.

ADVERTÊNCIA: Isto é algo que poderia ser aplicável a muitas pessoas do movimento em geral, mais em certos círculos essa pouca profundidade é destacável.

3. ALGUÉM CONHECEU À SUA FAMÍLIA?

Alguns infiltrados nunca falam da sua família, ao tempo que outros muito. Porém, as oportunidades de conhecê-los nunca chegam, sempre há excusas. Os infiltrados podem ensinar fotos e outros materiais que indiquem a existência de supostos membros da sua família, e comentar que tenham relações estreitas com ela.

Outros inventaram histórias sob relações abusivas (utilizando-as para gerar confiança), mais falam incoerentemente de como vam junto deles. Às vezes as crises familiares, como um pai doente de gravidade, utilizam-se como escusa para ausentar-se durante longos períodos.

Como já comentamos em várias ocasiões no percurso do manual, há patrones comuns mais também exceções. Neste caso, a infiltrada de Girona sim que apresentou à sua família e amigas reais à sua parelha, mesmo indicou o nome e profissão real da sua amiga e da sua mãe, amais de levá-lo à casa onde residia de jeito real com sua mãe. Mais não só se conheceram uma vez, senão que a mãe da polícia infiltrada jogou um papel ativo ao longo de toda a infiltração, via telefone e videochamadas habituais.

Ademais, ainda que não se produza nenhum apegamento com o seu entorno, algumas das referências familiares às que fazem menção durante a infiltração sim que podem coincidir com as da vida real. Por exemplo, Sérgio dizia que tinha um irmão maior que trabalhava de bombeiro em Santiago, e era verdade.

4. O SEU TRABALHO OU A SUA VIDA "PESSOAL" **FAI-LHES AUSENTAR-SE LONGOS PERÍODOS OU** **MUITOS PERÍODOS CURTOS?**

Semelha que muitos infiltrados têm “trabalhos” que lhes obrigam a ausentar-se durante longos pe-

ríodos, até várias semanas seguidas (normalmente no verão). Estes trabalhos ou ausências pessoais proporcionariam-lhes dinheiro (por exemplo, no caso de Sergio, quando vinha para à Galiza a ver à família, voltava dizendo que a sua avoa lhe dera 500 euros, o que lhe permitia justificar estar no paro um tempo, ou Maria, quem acostumava ausentar-se no verão, dizendo que era para trabalhar num clube náutico de Mallorca, de jeito intensivo e para poder sustentar-se assim economicamente).

5. A SUA CASA PARECIA POUCO HABITADA?

Um tema comum é as pouco acolhedoras ou pouco habitadas que eram as suas casas, ainda que com alguma exceção. Havia alguns materiais dispostos de forma orquestrada na casa que queriam significar “militante político”. Também parecia evidente a falha de “toque pessoal” ou de pertenças materiais. Um exemplo muito claro é o de Carlos: nom tinha apenas decoração, dava a sensação de que ali realmente nom vivia ninguém, saia-lhe auga marrom da bilha. Também o de Maria, quem viviu três anos num apartamento turístico sem mudar nem um

quadro, piso convertido nesse momento em aluguer de vivenda habitual pola falha de turistas durante a COVID-19.

As casas nas que vivem, ou nas que dim que vivem, sempre contam com um ponto de “sorte” à hora de consegui-las: é o piso “de seu tio”, “dumha amiga da sua nai”, “deixa-lho o seu chefe por um aluguer barato”, etc.

Ainda que também há casos nos que o infiltrado nunca chegou a subir nem ensinar a ninguém o piso onde supostamente vivia.

No caso que saibais a direção exata, é um bom fio do que começar a tirar.

6. QUAL É A SUA FORMA DE ACEOER À MILITÂNCIA DU OS SEUS ENTORNDS?

Referimo-nos ao primeiro contato ou experiência que o infiltrado conta à hora de acudir ao coletivo político. Na maioria dos casos foram a atividades em sítios abertos e de conteúdo político limitado: bancos de alimentos, ginásios populares, clube de leitura feminista... Isso serve-lhes de “aval” à hora de começar a militar num espaço mais politizado.

Soe gerar mais confiança que dizer que nunca estives em nada. É muito importante localizá-lo momento temporal exato no que aparece e o lugar no que o fai por primeira vez.

7. TENHEM HABILIDADES DE CONDUÇÃO FORA DO NORMAL OU DISPONHEM DE CARTOM DE CONDUZIR COM QUASE TODOS OS PERMISSOS?

Algo que se comenta de muitos infiltrados é a sua habilidade para conduzir por cima da média, o que nom é de estranhar tendo em conta os requisitos exigidos ao respeito para ser polícia nacional.

Nota: esta pergunta está especialmente indicada no contexto do Reino Unido, onde os infiltrados eram agentes com umha longa trajetória e experiência nos corpos policiais e militares, onde se adquirem estas habilidades de condução. No nosso contexto atual, os infiltrados correspondem a outro perfil (agentes recém graduados) e, polo tanto, pode que nom tenham estas habilidades, ainda que na sua identidade real tenham como mínimo o cartom de carro porque é um requisito para as oposições a polícia nacional. Sérgio, por exemplo tinha todos os

cartons de conduzir, feito que lhe serviu para realizá-las muitas tarefas logísticas nas que se precisava conduzir camions ou furgonetas.

8. QUAL É A SUA ATITUDE OU PERSONALIDADE?

Adoita comentar-se o encanto, a simpatia e a amabilidade geral dos infiltrados. Estám dispostos a fazer todo o possível por ajudar. Som muito conciliadores, fugem de qualquer tipo de polémica (própria e alheia).

A maioria deles som pessoas muito empáticas e acessíveis e com grande audácia para entender e lidar com as emoções, conflitos e crises pessoais dos que lhes rodeiam. Soem oferecer-se para escutar e para ser um apoio emocional, mais sempre com cautela, nom sendo nunca intrusivos na intimidade do outro.

Isso nom significa que em determinados momentos nom podam adotar outro tipo de estratégias à hora de posicionar-se em conflitos porque assim lho recomendem os seus superiores.

9. TENHEM PROBLEMAS DE DINHEIRO?

Acotio estão dispostos a ajudar à gente com dinheiro, por exemplo, renunciando aos custos de gasolina ou a convidar a roldas de comida e bebida. Às vezes alegam que os custos já estão cobertos dalgumha maneira, por exemplo, através do seu trabalho.

Nom som necessariamente ostentosos, mesmo podem chegar a queixar-se da sua situação económica ou aparentá-la necessidade de ser cuidadosos com os custos para nom destacar, mais ainda assim parecem ter sempre acesso ao dinheiro.

10. CENTRAM AS RELAÇÕES NAS PESSOAS CHAVE OU NAS QUE RODEIAM A ESSAS PESSOAS CHAVE?

É frequente que, após involucrar-se num grupo, busquem dirigir-se às pessoas chave e se fagam muito cercanas delas, tanto no plano pessoal como no militante. Isto habitualmente provoca que se lhes veja desde fora como “a pessoa de confiança de X” o qual lhes vale, ademais de para chegar-se ao seu objetivo de conseguir informação, para apagar

possíveis suspeitas ou para ir ganhando credibilidade na organização.

11. DETETASTES ALGUMHA COUSA RARA OU CONTRADITÓRIA?

Nas nossas investigações atopamos umha série de traços distintivos aos que paga a pena prestar atenção se se apresentam:

- Documentos com nomes distintos ao que conhecemos (às vezes é algo fácil de explicar, nom sempre algo assim é injustificado).
- Redes sociais verdadeiras: descobre-se a Mavi em parte por isso. Dizia que ia a umha escola de ballet de Granada e o nome que deu correspondia com umha de Almeria, a sua verdadeira cidade de origem. Encontram as suas RRSS verdadeiras e nom coincidem apelidos reais e falsos. Maria explicara que ofereceu os seus serviços de cuidadora de cans através de umha aplicação concreta. Este perfil existiu de verdade e permitiu corroborar o

domicílio verdadeiro, dado que possibilitou revelá-la sua identidade com posterioridade.

- Nom ter as habilidades que dim ter, sobre tudo se se relacionam com o seu suposto trabalho. Ou nom saber suficientemente de um tema do que dim estar muito interessadas. Por exemplo, Ramón e Mavi diziam que nunca fizeram artes marciais e, porém, nas suas primeiras classes chamaram a atenção precisamente porque era evidente que tinham conhecimentos sob as mesmas.
- Reagir ante situações surpresa de formas que indiquem adestramento. Comprovou-se que os infiltrados tenhem um equipo detrás as 24 horas do dia, sendo monitorizados através dos microfones dos seus dispositivos eletrônicos (relógios, móveis, ordenadores, etc.). Houve situações nas que havia muito ruído onde estava o infiltrado e o seu equipo, ao nom poder saber o que estava ocorrendo, davam aviso à patrulha mais achegada para que se achegasse a comprovar com a escusa de um “control rutinario” para nom erguer

suspeitas. Amais, em vários dos casos também se comprovou que nalgum dos pisos do mesmo edifício onde viviam os infiltrados havia outros polícias e, nos que nom, havia umha comissaria de polícia nacional a pouca distância.

- Reagir com umha preocupação desmesurada, ainda que dissimulada, perante a perda de controlo da informação ou perante a incerteza de situações imprevistas, câmbios a última hora, planos improvisados, etc. Muitas podemo-nos identificar com este nervosismo perante a perda de controlo, mais pode ser algo a ter em conta numha investigação.
- Umha situação que chamou muita a atenção das companheiras de València que militavam com Ramón, tendo em conta o seu perfil militante, é que depilava as celhas.

12. HOUVE CASOS JUDICIAIS ESTRANHOS OU POUCO INTERESSE POR PARTE DA POLÍCIA?

Em ocasiões, os agentes encobertos foram inexplicavelmente apartados de um caso Judicial. No caso de Sergio consta-nos em como mínimo duas vezes, e outra mais no caso de Carlos. Três denúncias que nunca nos chegaram ao resto e que, casualmente, tampouco se pode aceder ao documento no qual se argumenta o arquivo da causa.

Ou pode que a tua organização tenha experimentado umha notável falha de interesse policial durante o período no que o infiltrado formava parte do seu grupo, ou que a gente nom era detida quando era evidente que ia passar. Sabemos agora que os responsáveis das infiltrações às vezes miravam para um outro lado no transcurso das ações ilegais, e que se afastavam da ação para nom ter de arrestar a ninguém.

ADVERTÊNCIA: o contrário também poderia ser certo.

13. DESAPARECEU DE REPENTE E EVITOU QUALQUER CONTATO? (DESCONEHOM/ENTRAÇOM)

Esta pergunta poderia ser umha secção em sim mesma, já que a “estratégia de saída” ou “extraçom” é um dos aspetos da operação para quem investigam umha possível infiltração policial. Em todos os casos que conhecemos, os infiltrados cumpriram um “trabalho” de vários anos (uns duraram menos ao ser descobertos, como Mavi, e outros mais, como Sergio, quem esteve 7 anos ou Marian, quem chegou até os 35 anos), e logo foram-se marchando de jeito relativamente brusco (sai-lhes um trabalho, enferma-se-lhes de gravidade um familiar, etc.).

É bastante revelador ver como umha e outra vez utilizam duas estratégias, às vezes combinadas:

A. Troca de trabalho

B. Familiar gravemente doente (som vários os casos onde sucede. Por exemplo, Maria dixo que o seu pai sofria um cancro muito severo, ainda que com prognóstico de possível recuperação. Esta situação, amais de ser usada para reforçá-la

empatia com as militantes, serviu para retirar-se progressivamente do entorno).

E o que é mais importante, desaparecem por completo da sua vida militante. Respeito à vida social mantêm algum contato ilhado, quase sempre em linha. Por exemplo, Carlos e Sergio seguiam mantendo ativo o número de telefone da sua identidade falsa, mesmo tendo passado muitos meses e até dois anos desde que se “desconetaram”. Ainda que Maria sim que manteve um contato em linha mais intenso. Entendemos que obedece a manter um fio de conexão com os entornos onde estiveram infiltrados por se nalgum momento precisassem de voltar.

Dentro deste apartado, há duas questões muito relevantes e às que deveis prestar muita atenção nos vossos processos:

- **Relevos e movimentos:** em vários dos casos temos detetado que se fazem relevos entre os infiltrados. Por exemplo, Carlos e Lucía entraram para ocupá-lo sítio que deixou Sergio ao marchar-se

das duas organizações nas que estava involucrado. Também sabemos que noutros casos outro infiltrado fixo-lhes o caminho prévio, ainda que nom estamos em disposiçom de poder falar disto. Respeito aos movimentos, é importante ter em conta que se podem ir movendo, mesmo que tenham sido expulsos por suspeitas que nom se fizeram públicas. Um exemplo de movimento é o de Carlos, que tem de ir a entornos de Vallecas porque o coletivo juvenil onde se infiltrara dissolveu-se. Ou Ignacio José e Ramón, que chegaram a participar, mesmo simultaneamente, em várias organizações e espaços à vez.

- **Reaçons umha vez som descobertos:** ainda que poda parecer muito óbvio, nengum dos infiltrados descobertos reconheceu que efetivamente o era. Nem ante a imprensa que lhes contatou previamente antes de publicá-lo nem ante as que eram as suas “companheiras” e “amigas” em tudo tipo de situaçons. Negarom-no mália ter provas contundentes como fotos ou vídeos vestidos de policías. Supomos que o fam por protocolo po-

licial, gerando ainda mais dano do produzido se calhar. A única exceção foi o caso de María, quem reconheceu por umha videochamada que era polícia, amais de explicar como umha comisaria a contatou para ser infiltrada umha vez jurou o cargo e de confessar que havia mais polícias infiltrados em cidades como Málaga, Salamanca ou Granada.

14. REDES SOCIAIS

Outro patrom comum com o que nos topamos é que as redes sociais que usam os infiltrados som criadas pouco tempo depois de iniciá-la infiltração. À hora de investigar umha suspeita, a parte das redes sociais é muito importante. Amais de ver quando as criou, há que fixar-se nas seguidoras/amizades que tem, porque é raro que alguém só tenha a gente que vem de conhecer e que nom tenha ninguém do seu passado (conecta com a falha de arraigo da pergunta 1), mesmo podeis ver em Instagram quantas vezes mudou o nome de usuário.

Evidentemente, e como com cada patrom em comum, umha pessoa que nom seja infiltrada pode

ter muito boas razões para não terem redes sociais até esse momento e criá-las ex novo, ou ter rachado com o seu passado e não conservar amizades antigas... mais é um dado a ter em conta.

15. FOTOS

Em geral os infiltrados são muito contrários a saírem em fotografias, individuais ou grupais. Também são muito contrários a partilhar fotografias suas ou da sua família, amigos, passado... sempre alegam situações complicadas ou problemáticas que o justificam.

Em vários dos casos (Sergio, María...) comprovou-se que os infiltrados conseguiram multidão de fotos de militantes com a escusa de “fazer bromas” ou “fazer memes” ou imortalizando encontros e momentos de ócio num contexto de máxima confiança. Muito olho com isto.

Comprovou-se também que os infiltrados partilham fotos entre eles para dar-se cobertura e facilitar-se o terreno. Por exemplo, os casos de Ignacio José e Dani. Como comentamos nas histórias de cada um dos polícias, ambos estavam infiltrados

em Barcelona e eram da mesma promoçom, junto a María e Ramón. Entom, a polícia planificou as duas primeiras histórias das suas identidades falsas de tal jeito que eram irmãos (um era Daniel Hernández Pons e o outro Marc Hernández Pons) por se nalgum momento suspeitassem de algum dos dous poder dar como referência ao outro e como médio de aval.

16. COVID

A pessoa à que investigades estava militando quando começou a pandemia? Como atuou?

Temos comprovado que os infiltrados que estavam no momento do início da pandemia casualmente voltaram aos seus lugares de origem justo uns dias antes da declaraçom do Estado de alarma. Cada um com as suas diferentes escusas.

A pessoa à que estades investigando tem alguma das vacinas da COVID? De ser assim, podedes pedir-lhe que vos ensine.

Também temos comprovado que nengum dos infiltrados ensinou jamais esse documento (algum chegou a alegar que era antivacinas, questom nom

tam excessivamente rara nos nossos entornos). Polo tanto, segundo as explicaçons que aporte ou segundo a sua reaçom ante a vossa petiçom do documento digital (passaporte COVID) também poderia ser um indício de suspeita e um fio do qual tirar.

17. TELEFONES

Outro aspeto muito interessante e com grande relevância: os números de telefone que usam os infiltrados. Temos comprovado que os infiltrados das mesmas promoçons utilizam números adquiridos através de tarjetas pré-pagamento, coincidindo na numeraçom. Por exemplo, María, Dani, Ignacio José e Ramón, que eram da mesma promoçom, tinham como números os 631. Lucía e Carlos, também da mesma promoçom, tinham o 604209458 e o 604209448. O de Sergio 654, e o de Marian 650.

Esta informaçom poderia ser útil de cara a poder fazer comprovaçons nalgumha investigaçom em curso.

DADOS IMPORTANTES

- Têm o **mesmo nome** na identidade real e na falsa (agás Marc, que era Ignacio José, e Marta, quem era María Ángeles ou Marian). É habitual pôr-lhes nomes compostos (por exemplo, Sergio na real e Sergio Manuel na falsa, Lucía e María Lucía, Carlos e Juan Carlos...)
- **MUITO RELEVANTE.** Têm a mesma data de nascimento na identidade real e na falsa.
- O seu **nome real** está no BOE, e até o 2022, o DI. Por mor da lei de proteção de dados agora não vem o DI completo, o qual dificulta um pouco a investigação.
- **Começam a infiltrar-se** aos poucos meses de graduarem-se como polícias, pelo tanto o BOE que há que mirar é o que corresponda a esse ano (por exemplo, Sergio graduou-se em maio de 2014 e em julho desse mesmo ano aterrou em Moratalaz).

- Estám um ano e pouco na Academia de Ávila, polo tanto, também é um **dato a ter em conta** à hora de suspeitar ou nom dalguém (pola idade da pessoa suspeitosa).
- Criaçom das suas **redes sociais falsas** quase ao momento de infiltrar-se.
- **Vídeos e fotos** de graduaçons e das práticas que fam umha vez saem da Academia de Ávila (em YouTube, em novas de Internet, etc.) A Sergio pilhou-se-lhe por isso.
- Umha forma quase definitiva de contrastar umha identidade real e umha falsa que se esteja investigando é através de umha pessoa de confiança que tenha acesso a dados (por exemplo pessoal de sanidade) e comprove se coincidem **datas de nascimento** da identidade falsa e a identidade real.
- **Notas simples.** Com esta ferramenta pode-se averiguar quem é o proprietário de umha vivenda ou local. Aplicaçom prática: suspeitades de alguém e

conhecedes a direção na que vive, sacades a nota simples do piso e vedes quem é o proprietário e se vos quadra com a história que contou a pessoa investigada.

- **Estudos.** Nos casos que saírom até agora comprovou-se que alguns infiltrados matricularom-se com as suas identidades falsas na universidade e também que quanto menos dous, Sergio e Lucía, figérom-no com a real entanto estavam infiltrados (para poder apresentar-se às oposições internas de inspetor no caso dele). Outro exemplo é o de Carlos e Dani; em ambos casos estudaram supostamente umha FP de mantimento e reparaçom de aires acondicionados.
- **Pesquisa por DI (ou qualquer outro dado).** Ao pôr no buscador o DI real ou falso do infiltrado sairám os resultados nos que apareça em concreto essa informaçom. Por exemplo, graças a esta pesquisa pudemos saber que Sergio tirara o grau em Direito pola UNED durante a sua infiltraçom.

- **Nota de localização.** É um documento de carácter informativo que emite o Registo da Propriedade através do qual se informa dos Registos da Propriedade nos que umha pessoa tem algum direito inscrito sob algumha finca e propriedade. Com isto, por exemplo, podemos chegar a saber as propriedades que tem o infiltrado e a direcção da sua casa/casas com a sua identidade real, já que o seu nome, apelidos e DI é público por médio do BOE.
- **Pesquisa por titularidade dum veículo.** É um trâmite que se pode fazer em linha e só é necessária a matrícula do veículo. Por exemplo, no caso de Marian, tinha-se umha matrícula de um veículo no que se lhe vira algumha vez e graças a essa informação obtida com a titularidade do veículo conseguiu-se corroborar a identidade real.
- **Perito em fotografia.** Através de diferentes fotos do infiltrado, umhas da sua vida real e outras da sua vida falsa, um perito pode determinar que som a mesma pessoa, como figérom O Salto e La Directa nalguns casos.

- **Redes sociais das suas identidades reais.** Em muitos dos casos, ainda que pareça surpreendente e provavelmente fruto da sensação de impunidade que têm, os infiltrados e as pessoas das que vos falaram têm contas nas redes sociais (Twitter, Instagram, Facebook...).

Todos estes dados podem servir de ajuda para estabelecer um ponto de partida numa investigação. Por exemplo, se sabemos a data concreta na que começou a infiltrar-se, e tendo em conta que quase sempre usam o mesmo nome em ambas identidades, pode-se fazer uma primeira criva no BOE correspondente e seleccionar da listagem todos os que contenham esse nome. Muitos poderão descartar-se vendo redes sociais.

Se sabemos a data de nascimento da pessoa suspeita e conhecemos a alguém de confiança com acesso a dados, contrastar um por um se coincidem as suas datas. Se conhecemos a direcção concreta onde supostamente vive a pessoa investigada, tirando a nota simples ou averiguando o contacto com o proprietário, pode-se tirar desse fio para contrastar

histórias. Ou se diz que trabalha nalgum lugar concreto, assegurar-nos o mais discretamente possível se é assim ou nom.

No YouTube e em Internet há vídeos e juras de polícias nomeados funcionários de carreira, e também de quando começam a fazê-las práticas em diferentes cidades. Ainda que nos últimos anos as promoçõs som enormes (2000/3000 pessoas), quiçá pode haver sorte e localizar-lhe, como ocorreu no caso do Sergio. Os que tenhem redes sociais com a sua identidade verdadeira, ao sentirem-se impunes, utilizam-nas como se em nengum momento fôsse-mos a poder chegar a elas. No caso do Carlos, umha das confirmaçõs que ajudou a resolvê-lo caso foi localizar a sua conta de Instagram já que seguia ao perfil do seu concelho.

Em definiva, som múltiplas as pistas a seguir tendo um mínimo de informaçom sob a identidade falsa do infiltrado. Essa informaçom é útil consegui-la, por exemplo, durante um período de pré-militância. O nosso trabalho nom é atuar como detetives privados, mais toda informaçom (nome, apelidos, telefone, lugar de estudo, lugar de trabalho, militân-

cias prévias, lugar de origem, redes sociais, direção, etc...) que se poda obter durante esse período pode facilitar umha investigação futura. Ainda que conhecer a gente nova devera ser umha questom básica de socializaçom e nom tanto (ou nom unicamente) por segurança.

POSSÍVEIS FILTROS ÚTEIS (QUE NOM INFALÍVEIS) À HORA DE INCORPORAR E COMPLEMENTAR A UM PERÍODO DE PRÉ-MILITÂNCIA

Como comentávamos nas reflexons finais sob o processo de investigação, a segurança ao 100% nom existe, e cada organizaçom terá as suas próprias necessidades e prioridades ao respeito tendo em conta a sua forma de trabalhar, objetivos, etc. Com estas ideias nom queremos fomentá-la paranoia nem que todos os espaços tenham de aplicá-las. Como dizemos, cada organizaçom terá de valorá-lo. As reco-

mendações, baseadas nas experiências que tivemos, som as seguintes:

- Pedir **vida laboral** sem dar-lhe margem para o que poda preparar (no mesmo momento, só se precisa um código que chega via SMS)
- Pedir **partida de nascimento**: neste caso há duas situações. A primeira seria que o investigado nom soubesse que o está sendo e se pida sem que ele o saiba. Em teoria só pode pedir-lho a pessoa interessada mais se tens os seus dados básicos (nome, apelidos e DI) podedes solicitá-lo.

A segunda seria como método para prever infiltrados: pede-se-lhe ao novo/a/e militante que solicite, em presença de mais integrantes do coletivo, a sua partida de nascimento. Mais os dados de contato ham de ser vossos para que vos cheguem a vós e

nom a ele/ela. Podem-vo-lo enviar por correio electrónico ou postal.

Nos casos de Sergio, Dani, Marian e Carlos comprovamos que a resposta que dá o Registro Civil ante a petiçom das suas partidas de nascimento é negativa, é dizer: NOM EXISTEM, nom tenhem certificados de nascimento.

Isto é umha grande diferença com o Reino Unido, já que ali as identidades falsas dos infiltrados eram obtidas de crianças já falecidas

- Polo geral, **qualquer documento oficial** que se vos ocorra, que seja possível obter sem o conhecimento da pessoa investigada, ou no pior dos casos, com o seu conhecimento mais com maior gestom do tempo para vós.

HÁ LINHAS VERMELHAS?

Os casos que saíram até agora permitem-nos rematar com estes mitos ou linhas vermelhas sob o que fazia ou nom fazia um polícia infiltrado.

Somos cientes de que muitas pessoas pensávamos ou tínhamos pensado que os infiltrados tin-

ham um código de conduta, que havia cousas que nom fariam. Assinalamos alguns deles para poder conscientizar-nos de até que ponto chegam e nom descartar umha investigação.

Algumhas pessoas creem/críamos que os infiltrados nunca:

- Acometem atos ilegais
- Têm relaçõs sexoafectivas com os seus objetivos
- Têm trabalho com contrato (à vez que estão infiltrados). Sergio trabalhou vários meses em dous empregos com a sua identidade falsa, provavelmente para afiançar a sua história e tapar possíveis suspeitas.
- Estudam estando matriculados com as suas identidades falsas e reais
- Presentariam a algum familiar/amigo real ao grupo no que se infiltram

- Pessoas civis e alheias ao corpo nacional de polícia poderiam formar parte de maneira ativa na infiltração, para sustentar ou protegê-la coartada do infiltrado
- Teriam qualquer tipo de documento público na sua identidade falsa (DI, cartom de conduzir, segurança social, conta bancária, telefone, contrato de alugueiro...)
- Parte da sua história inventada é real (María de Girona com a sua família e amizades, ou Sergio com o seu irmão bombeiro)
- Tatuam-se cousas do “rolho”, como Dani e Sergio
- Utilizam aplicações para ligar como formar de chegar-se às militantes ou entornos que tenham como objetivo
- Recolhem mostras biológicas de companheiras sem nenhum tipo de consentimento, assim como provas biométricas

- Temos comprovado que a polícia falsifica nómicas de empresas (sem o conhecimento das mesmas) para os contratos de alugueiro dos pisos onde vivem os infiltrados

Sabemos que todas estas cousas foram feitas por polícias infiltrados; seguramente nom saberemos muitas mais.

CONCLUSIONS

Se vos topades com alguém cuja história encaixe nalgumhas destas, nom significa necessariamente que estejades tratando com um infiltrado. Simplesmente significa que as vossas suspeitas justificam mais indagaçons e investigaçons. Como comentamos noutros momentos, este manual é umha guia, um ponto de partida, nom umha forma de provar um caso nem nengumha fórmula mágica.

Ainda que tenhamos detetado patrons comuns nos casos do Estado Espanhol e os do Reino Unido, nom significa que nom poda haver mais que até o de agora nom se puderam demonstrar. A ideia é seguir atualizando este manual com o passo do tempo

e com a apariçom de novos casos. Por isso também é importante conservar todas as informaçoms e dados de cada um deles, já que podem ajudar a seguir completando as peças do puzzle que compoem umha infiltraçom policial.

As infiltraçoms policiais foram historicamente consideradas um tema tabu, por múltiplos e diversas razoms (vergonha, “debilidade”, incapacidade de gestom, etc.). Isto permitiu que nom se transmitisse do jeito adequado nengum tipo de experiêcia militante ao respeito, e que nom se puderam gerar umhas ferramentas e mecanismos que possibilitassem umha correta gestom fronte a umhas suspeitas ou mesmo prevê-las infiltraçoms. Por isso volvemos a incidir na importância de fazer públicos os casos, recompilar informaçom, criar ferramentas e transmitir o apreendido.

Por suposto, desaconselhamos encarecidamente que se difundam rumores baseados unicamente em suspeitas, e recomendamos investigá-las mesmas seriamente o antes possível. Os rumores sem confirmaçom fam muito dano e podem destruir orga-

nizaçons desde dentro, independentemente de que exista ou nom umha infiltraçom real.

É importante recordar que, se bem pode haver pontos em comum na forma de atuar dos infiltrados, existem também um bom número de diferenças, dependendo dos objetivos que se lhes tenham assignado, do tipo de coletivo ou ambiente onde se vaiam introduzir... Mesmo podem começar com determinados patrons mais ir mudando-os em funçom de como vaia transcorrendo a infiltraçom. Nom esqueçamos que tenham toda umha equipa detrás e que praticamente todo o que fai ou deixa de fazer um infiltrado está calculado e nom obedece à iniciativa individual do mesmo.

Observamos também que há muitas boas razons para que a gente caia nas mesmas categorias sem ser um infiltrado, o nosso marco nom é infalível. Por exemplo, pode haver boas razons para que alguém nom tenha contato com a sua família, ou para que a gente desapareça umha tempada. O esgotamento também é um motivo comum para que as militantes se retirem.

Amais, nom todas as histórias encobertas som exatamente iguais, haverá variaçõs. Cada caso é particular e o infiltrado tentará adaptar-se ao que a sua equipa lhe ordene em funçom das circunstâncias e do momento concreto da infiltraçom.

Outra questom importante e com a que desgraçadamente tivemos de lidar nalgum dos casos é a falha de colaboraçom dalguns militantes que nalgum momento coincidiram com o infiltrado. Esta obstaculizaçom da investigaçom deveu-se a más relaçõs ou problemas do passado (mesmo do presente). Há que demonstrar altura de miras e madurez política para saber em que momento e em que lugar estas atitudes devem ficar de lado. Cada detalhe, por pequeno que seja, pode ajudar a confirmar ou descartar umha suspeita.

Que alguém nom encaixe nos patrons nom significa que haja que descartar umha suspeita.

Por último, gostaríamos de fazer umha reflexom importante. Ainda que exista umha boa intençom, cremos que usar como argumento contra as infiltraçõs policiais o caráter “pacífico/inofensivo” das organizaçõs que as sofrerom só serve para apagar

qualquer potencial revolucionário e é um erro estratégico que no longo termo pode jogar à contra.

É evidente que estas organizações e movimentos sociais não supõem um perigo imediato para o Estado e que “só” exerçam desobediência civil e os considerados “delitos” para a legalidade burguesa (parar despejos, autodefesa antifascista, piquetes, greves...).

Mais uma coisa é que como são agora as organizações e os MMSS (pelo contexto, pela capacidade organizativa, pela correlação de forças, etc.) e outra é como podem ser dentro dum tempo em função das aspirações e horizontes que queremos conseguir.

Por isso, basear a defesa discursiva nesse carácter “pacífico” ou “inofensivo” é condenar-nos a não poder mudar nunca as coisas e limitá-la nossa luta. cremos que há argumentos suficientes para fazer frente dialeticamente a estas práticas e não cair nestes erros.

O mesmo ocorre com utilizar como argumento central a “legalidade” ou “ilegalidade” destes métodos. Se são ilegais, amanhã mudará a lei para que

sejam legais. O ponto está em assumir que o Estado nom tem linhas vermelhas na sua guerra contra a classe trabalhadora organizada.

Isto nom quita que em momentos pontuais e como estratégias concretas nom podamos utilizá-la sua legalidade para abrir certas frentes, como podem ser por exemplo as querelas apresentadas contra os infiltrados em Barcelona, Girona e València, ou a denúncia por ameaças contra um dos infiltrados em Madrid.

As redatoras deste manual aguardamos que, como militantes, este documento resulte útil. Nele empregamos e expressamos as nossas aprendizagens e experiências em todos os processos de infiltrações policiais que sofremos, com o fim de que vós podades partir desde um ponto mais avançado do que nos tocou começar a nós no seu momento, que era quase um ponto zero. Apesar de ter-vos aberto o caminho o mais ancho possível, deixamos-vos um método de contato no que podades expressá-las vossas dúvidas e aportes pontuais, assim como nas vossas aprendizagens com os que podamos ampliar ainda mais o manual.